

Fernando Henrique ganha destaque nos EUA

Revista 'Vanity Fair' põe presidente da República entre os 65 homens mais poderosos do mundo

João Ximenes Braga

● NOVA YORK. Para um ator de Hollywood, aparecer na capa da revista "Vanity Fair" é uma das principais formas de reconhecimento de prestígio na indústria do show business. Na edição de novembro, porém, a revista, que tem tiragem de 1.095.000 exemplares, mudou seu foco e deu a capa a Bill Clinton e Al Gore, presidente e vice-presidente dos EUA, liderando um portfolio fotográfico dos 65 homens mais poderosos do mundo. Entre eles, estão dois brasileiros: o presidente Fernando Henrique Cardoso e o presidente das Organizações Globo, jornalista Roberto Marinho.

Aparentemente, a lista não tem ordem particular. Fernando Henrique é o 26º e Roberto Marinho, o 36º. Mas como a reportagem é sobretudo fotográfica, há que se levar em conta o tamanho das fotos: os dois brasileiros aparecem em fotos de um quarto de página, enquanto Bill Gates, presidente da Microsoft Corporation, é o último, mas aparece num close que revela apenas seus olhos, nariz e boca ocupando duas páginas.

FH é elogiado por reintegrar o país ao mercado global

Fernando Henrique é o primeiro latino-americano a surgir na lista e diz a revista que ele "moveu o Brasil de décadas de repressão política e social e o reintegrou no mercado global" e que "prevê-se que ele vença facilmente a eleição do próximo ano".

Roberto Marinho, que aparece na foto abraçado por sua mulher, dona Lily de Carvalho Marinho, é apresentado como "o homem mais poderoso do Brasil, o principal dono de um diversificado império que inclui um dos maiores jornais e redes de rádio e TV do país".

A lista começa com os dez chefes de Estado que participaram do Encontro de Denver em junho e prossegue com o que a revista

chama de "o time de segurança nacional", que inclui a secretária de Estado, Madeleine Albright, e o de Defesa, William S. Cohen, entre outros. O primeiro nome a aparecer que não ocupa qualquer cargo governamental (se incluirmos a rainha Elizabeth da Inglaterra e o rei Juan Carlos da Espanha nessa categoria) é o investidor George Soros, que se autodefine como "um especulador financeiro, filantrópico e filosófico".

Na carta ao leitor, o editor-chefe da revista, Graydon Carter, usa Soros como exemplo da diversidade das formas de influência na política mundial: "Ele não tem posto oficial, mas usou sua fortuna de US\$ 2,5 bilhões para mudar a vida de milhões de pessoas nos antigos países soviéticos".

A lista inclui presidentes de empresas do setor de show business, como Norio Ohga, da Sony, e Michael Eisner, da Disney, além

de líderes religiosos, como o Papa João Paulo II, o Dalai Lama e Louis Farrakhan, da Nação do Islã, grupo muçulmano dos Estados Unidos que prega o separatismo de brancos e negros.

O portfolio fotográfico é acompanhado de um ensaio de Gore Vidal intitulado "O último império", no qual o escritor, em tom ácido, analisa como os Estados Unidos se transformaram de república em império: "Não somos

uma perfeita democracia amante da liberdade, ansiosa por exibir nossa economia à velha Europa como um modelo de como fazer dinheiro para poucos eliminando sindicatos e firulas decadentes como saúde pública e educação? (...) Hoje, damos ordens a outros países. Dizemos a eles com quem fazer comércio e para qual de nossas cortes eles devem aparecer para serem indiciados caso nos desobedeçam". ■